

REPRESENTAÇÕES POÉTICAS SOBRE O TEMPO E COMUNICAÇÃO NA OBRA *TEMPO JUSTO*, DE JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA

Míriam Cristina Carlos SILVA (Uniso)¹
miriam.silva@prof.uniso.br

João Paulo HERGESEL (UAM)²
jp_hergesel@hotmail.com

Isabella PICHIGUELLI (Uniso)³
isabellareisps@gmail.com

Resumo: Diante do fato de João Anzanello Carrascoza se destacar enquanto escritor de ficção para crianças e adolescentes, com o livro *Tempo Justo* (2016) premiado pela Biblioteca Nacional, questiona-se: quais são as dimensões comunicacionais presentes nas representações poéticas sobre o tempo, encontradas na respectiva obra? Esta pesquisa, portanto, tem como objetivo geral compreender as possibilidades comunicacionais que se revelam a partir das representações poéticas do tempo, apresentadas em *Tempo Justo*. Para isso, utiliza-se como metodologia a análise das narrativas que compõem a obra, a partir dos seus elementos poéticos. Trata-se de uma análise que combina Narratologia, Estilística e estudos contemporâneos de Comunicação. Nossos principais referenciais teóricos são Lotman, Paz, Silva e Dravet, para tratar da comunicação poética; e Baitello Jr., Romano e Boff, para as relações entre o tempo e a comunicação. A relevância deste trabalho encontra-se no apontamento da premência do poético e do tempo para o comunicar e no fortalecimento das investigações envolvendo narrativas midiáticas infantis e juvenis, sobretudo na literatura brasileira contemporânea.

Palavras-chave: Narrativas midiáticas; Literatura infantojuvenil; João Anzanello Carrascoza.

¹ Professora titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (Uniso). Pós-doutora em Comunicação Social (PUC-RS), doutora e mestra em Comunicação e Semiótica (PUC-SP) e licenciada em Letras (Uniso). Colíder do GP Narrativas Midiáticas (Uniso/CNPq).

² Doutorando em Comunicação (UAM), mestre em Comunicação e Cultura (Uniso) e licenciado em Letras (Uniso). Membro dos grupos de pesquisa Inovações e Rupturas na Ficção Televisiva Brasileira (UAM/CNPq) e Narrativas Midiáticas (Uniso/CNPq).

³ Mestra em Comunicação e Cultura pela Universidade de Sorocaba. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Narrativas Midiáticas (Uniso/CNPq).

Abstract/Resumen: Faced with the fact that João Anzanello Carrascoza stands out as a fiction writer for children and adolescents, with the book *Tempo Justo* (2016) awarded by the National Library, it is asked: what are the communicational dimensions present in the poetic representations about time, found in the respective book? This research, therefore, has as general objective to understand the communicational possibilities that are revealed from the poetic representations of the time presented in *Tempo Justo*. For this, it is used as methodology the analysis of the narratives that compose the book, from its poetic elements. It is an analysis that combines Narratology, Stylistics and contemporary studies of Communication. Our main theoretical references are Lotman, Paz, Silva and Dravet, to deal with poetic communication; and Baitello Jr., Romano and Boff, for the relations between time and communication. The relevance of this work is in pointing out the requirement of the poetic and the time to communicate and in the strengthening of research on children's and juvenile media narratives, especially in contemporary Brazilian literature.

Keywords/Palabras clave: Media narratives; Children's Literature; João Anzanello Carrascoza.

COMUNICAÇÃO E TEMPO

Quais são as relações entre a comunicação e o tempo? Ou de que modo nossas relações com o tempo afetam nossa comunicação, nossa capacidade de comunicar?

Por um lado, podemos afirmar que são os processos comunicativos que nos permitem vivenciar o tempo, um “complexo sistema simbólico” (BAITELLO JR., 1999, p. 99) que, na contemporaneidade, ampara-se materialmente na atividade das mídias, como os meios de comunicação de massa, os sistemas de notícias, as emissoras de rádio e televisão, entre outros, que atuam na demarcação do tempo de vida e na sincronização das atividades humanas dentro de um todo maior.

Por outro lado, se é possível afirmar que nossa percepção do tempo somente ocorre graças a processos comunicativos, se os consideramos sob a perspectiva das construções simbólicas, também é possível afirmar que estes mesmos processos ditos comunicativos acabam por retirar de nós o tempo, e a capacidade de comunicar. De acordo com Baitello Jr. (2002), na mesma proporção em que se ampliam os meios para que o ser humano se comunique, crescem as inabilidades, as falhas, as sabotagens, as limitações ao mesmo processo. O autor lembra que vivemos

No excesso de informação, no excesso de tecnologia, no excesso de luz, no excesso de zelo, no excesso de visibilidade, no excesso de ordem. Vivemos (e morremos) nos excessos do tempo e no tempo dos excessos. Os excessos do tempo trazem, por um lado, a aceleração, o estresse, a pressa, por outro, a desocupação, o desemprego, o tempo esvaziado. E o roubo do tempo: o tempo de vida que nos é roubado pelas cidades e seus excessos ou pela mídia e suas hipérboles (BAITELLO JÚNIOR, 2002, p. 2).

Nos excessos, conforme Romano (2002), também o corpo padece: “Até o sistema de imunidade humano funciona de maneira rítmica. Mas, quando faltam os intervalos, quando se confundem o dia e a noite, não se pode falar mais de descanso” (p. 11). Nesse sentido, lembramos também que “a redução do sono está associada à ampliação das formas de consumo” (SILVA; SILVA, 2015, p. 25), operadas midiaticamente, porquanto “se divide, organiza e comercializa também o tempo livre. Os parâmetros do tempo livre não são o descanso, recreio, estímulo, mas os quilômetros que se percorreu e os *souveniers*” (ROMANO, 2002, p. 2).

Romano (2002) ressalta que todas essas circunstâncias geradas pela aceleração, que inclusive alteram a representação do tempo, concorrem contra a comunicação, uma vez que, para o autor, o tempo do ócio é, “por excelência, o tempo da comunicação” (p. 5). Entendemos que essa comunicação, bem por isso, não é aquela da transmissão de informações, tão recorrente e a serviço dos excessos, mas aquela chamada comunicação efetiva, capaz de nos reestruturar, oferecer-nos novos modos de enxergar o mundo e, mais que isso, oferecer-nos novos mundos (SILVA; SILVA, 2012).

Relacionamos essa comunicação efetiva ao *religare*, à transcendência. “No *religare*, há uma amplificação da consciência que fatalmente lança o ego para além da sua condição de indivíduo isolado e limitado” (MIKLOS, 2010, p. 12). Transcendência, ensina Boff (2000), não é propriedade das religiões, embora estas busquem seu monopólio, mas uma “dimensão intrínseca do ser humano” (p. 8). Nesta dimensão, experimentamos o que Eliade (1992) chama de “Tempo sagrado”, tempo fora do tempo, em um processo de clivagem da duração temporal ordinária, do Cronos:

Cronos é frequentemente confundido com o tempo (Khronos), do qual ele se tornou a personificação segundo os antigos intérpretes da mitologia. Como acontece com frequência, essas interpretações, embora baseadas em uma ambiguidade, expressam, no entanto, uma

parte da verdade. Cronos, mesmo que não se identifique com Khronos, desempenha o mesmo papel que o tempo: devora, assim como gera; destrói suas próprias criações; esgota as fontes da vida, mutilando Urano, e se torna uma fonte fecundando Rea (CHEVALIER; GUEERBRANT, 2007, p. 360).

Consideramos que, no deter Cronos e no sagrar do Tempo – o que não significa dizer apartar-se do cotidiano, é necessário destacar –, o poético aparece tanto como potência quanto como fruto. Nesse sentido, ficamos ao lado de Romano (2002, p. 10):

Impõe-se um uso mais saudável e racional do tempo. O menosprezo pelo presente fez com que se esquecesse que toda arte tem que se exercer no presente. Certo, existem obras de arte anteriores e posteriores. Mas cada uma delas é um produto de seu correspondente modo de vida, de uma autoorganização do tempo. Mas como o biotempo orgânico transcorre inexoravelmente, a arte consiste em colher o dia, em unir as oposições (*Eclesiastes*, 3,1-8).

COMUNICAÇÃO POÉTICA

Para a compreensão acerca da comunicação poética, partimos da concepção de Iuri Lotman (1978) sobre texto artístico, que entendemos como poético (SILVA, 2009), no qual forma e conteúdo estão atrelados de forma indivisível – o significante é, em si, o significado – e todos os elementos são elementos de sentido. O texto artístico é, para Lotman, uma forma de comunicação complexa, econômica e polissêmica: a partir do mínimo, diz o máximo possível, ampliado a cada leitura, por meio de novas conexões. O texto poético não se esgota na primeira leitura; ao contrário, a cada nova leitura, o texto se torna outro.

Por ter como característica o aberto, o poético somente se realiza na fruição, extrapolando a estrutura e provocando uma comunicação erótica, na qual o receptor é fundamental: “ele e a sua percepção, a sua capacidade de ouvir, de enxergar e de sentir o texto; daí comunicação erótica, já que para se completar, a mensagem poética requer a capacidade de um receptor/cúmplice entregue ao texto” (SILVA, 2009, p. 17).

Octavio Paz (1995) afirma que “a relação entre erotismo e poesia é tal que se pode dizer, sem afetação, que o primeiro é uma poética corporal e a segunda é uma erótica verbal” (p. 12). Na poesia, as palavras se corporificam – têm pele palpável, como define Silva (2009) – e no erotismo a sexualidade é metafórica, não reprodutiva: “a imaginação é o agente que move o ato erótico e o poético” (PAZ, 1995, p. 12).

Nas palavras de Pichiguelli e Silva (2017, p. 6):

(...) o poético consiste em um processo erótico, que visa proporcionar uma experiência para o corpo, com todos os seus sentidos, oferecendo formas orgânicas, imagens, materialidades que, mais do que representar, incorporam marcas qualitativas daquilo que representam, a ponto de criar novas possibilidades sensíveis de percepção, em uma comunicação analógica.

Para Dravet (2015), poesia é “a linguagem do homem cujos corpo, mente e espírito estão em estado de vidência-audiência. Nisso, ela é a apreensão lúcida do real” (p. 82). Nesse sentido, a dimensão poética se aproxima do “acontecimento comunicacional”, um evento raro e transformador, que proporciona “a passagem de uma dimensão a outra. As coisas deixam de ser literais e passam a ser significativas” (MARCONDES FILHO, 2013, p. 43).

Apesar de incomum, como o acontecimento comunicacional, concordamos com Dravet (2015), para quem a comunicação poética não é necessariamente estranha “à prosa, ao cotidiano e ao comum” (p. 86). Isso porque entendemos que “poesia é uma instituição mais potente do que mera disposição de versos, técnicas, estratégias e/ou marcas artísticas” (HERGESEL, 2018, p. 6) e que pode se manifestar nas mais diversas instâncias, até mesmo nas mídias (SILVA, 2007).

REPRESENTAÇÕES POÉTICAS SOBRE O TEMPO

Ao investigarmos as representações poéticas sobre o tempo na obra de João Anzanello Carrascoza, *Tempo Justo*, buscamos compreender, portanto, quais são as possibilidades comunicativas que emergem da poesia, a qual não está aquém, mas para além de seus aspectos formais.

É por isso que podemos falar da poesia na prosa de Carrascoza. Em *Tempo Justo*, encontramos 16 contos que, conforme sua sinopse, falam sobre “o caráter fugaz da vida e o desejo humano de permanência”. Portanto, a temática, presente desde o título, aborda a relação indissolúvel entre vida e morte, em uma aparente antítese que nada mais é do que a apresentação das duas faces de uma mesma moeda, a existência, repleta de vida e morte, perceptível apenas pelo correr do tempo, que é justo, ambiguidade que nos leva a vários sentidos: o tempo é justo, correto; o tempo é curto; o

tempo se ajusta; o tempo justifica as coisas, entre outros possíveis. É a isto que nos referimos quando afirmamos das várias possibilidades de conexão advindas do poético.

O livro, classificado como de literatura juvenil pelo mercado editorial, mas que pode ser lido também pelo público adulto de todas as idades, abre com *As coisas mudam as coisas*, uma narrativa sobre a caminhada de um menino com o pai debaixo de tempestade, que mudou o olhar do garoto sobre o pai, descobrindo sentimentos de afeto que jamais imaginaria ter por ele: “de repente, pode mudar tudo, ele disse, *O tempo tá mudando, quem diria?*, mas não alterou o ritmo da marcha, o que me surpreendeu, estávamos em campo aberto, para viver a vida que ali nos aguardava” (CARRASCOZA, 2016, p. 9). Em primeira pessoa, na voz do menino, a mudança provocada pela experiência vivida com o pai: “eu sentia que aquela hora ele estava se tornando outro para mim, não porque deixasse de ser quem ele era, era eu quem o estava vendo de um modo distinto, palmilhando sua vida em outro trecho” (idem, p. 11). Note-se a universalização do singular, já que a maioria dos personagens é sem nome: o pai, o menino.

Em *Outro Mar*, o narrador também é o menino, que percebe seu coração assim, mar, ao tirar uma foto da família na praia, um registro de quando todos estavam ali, “se dando ao dia”, “com o presente até o pescoço, as dores e os conflitos em suspensão” (CARRASCOZA, 2016, p. 14). O menino também percebe como mar o coração de cada um de sua família, levando-os “de leve, mas em definitivo – para longe” (idem, p. 15).

Perda traz a narrativa de um homem que está assistindo, no estádio de futebol, ao seu time a ganhar o campeonato. Foi com o pai que aprendeu a gostar de futebol, ao brincar ou acompanhar jogos: “era um momento cheio do que é feliz, um momento antes da alegria ser desviada para fora” (CARRASCOZA, 2016, p. 17); “a vida concentrada em nós dois aquela hora, tudo o mais em suspensão” (idem, p. 18). Mas o pai, que passou tanto tempo sem ver o time ser campeão, já não estava mais presente, e a narrativa se fecha com a reflexão: “agora, estou aprendendo que a alegria de uma vitória jamais será plena se estivermos sozinhos” (idem, p. 20).

Em *Como a luz*, a notícia de que o tio está muito doente traz à lembrança a capacidade que ele tinha de concertar coisas, como abajures, lustres, e também de uma vez em que não houve concerto para uma luminária, que se apagou, como o que o

homem sentiu acontecer naqueles instantes de memória: “Você está me ouvindo?, e eu não consigo responder, só vejo o tio à minha frente, com aquela luminária nas mãos – tudo o mais, ao meu redor, se apaga” (CARRASCOZA, 2016, p. 23).

Sétimo dia traz uma narrativa em terceira pessoa, acerca de um pai que contempla o sono do filho, antes de descer as escadas para fazer o café da manhã, dando-se conta do grande sentimento pelo filho, do passar do tempo, e do tempo inteiro daquele dia pela frente, que estava ainda se formando “no útero do tempo” (CARRASCOZA, 2016, p. 24):

ele estava ali,
no corredor,
não num instante de ação,
nem de preparo,
e sim de espera
porque a espera
é a hora onde tudo está se resolvendo por si
quando não cabe o que fazer, nem não fazer, seja o
que for (idem, p. 27).

Em *Natividade*, a expressão *tempo justo* aparece. A narrativa em terceira pessoa é sobre os momentos que antecederam o nascimento da primeira filha do casal, que vivencia sem pressa cada momento daquele que mudaria tudo dali em diante: “Eram virgens diante daquela situação; escalavam, aos poucos, no tempo justo, o ápice do aprendizado” (CARRASCOZA, 2016, p. 33).

A narrativa de *Irmã*, em primeira pessoa, na voz do irmão, traz às páginas inúmeras vezes a palavra irmã, como se as preenchendo de memórias e da irmã, que se foi: “irmã bonita, irmã fim, às vezes, antes de nós, a gente depois da irmã, mesmo se aqui antes, a gente só, de novo, por que não irmã depois, irmã lado bonito da gente, e a gente sem esse lado, bonito, a gente sem irmã, irmã indo embora antes, por quê?” (CARRASCOZA, 2016, p. 38).

Em *Perdão*, o filho pede perdão à mãe pelos seus poucos, como presença, demonstrações de afeto, declarações de amor, compartilhar do que se vive:

Peço que me perdoe
por eu nunca lhe ter dito
aquilo que você sabe,
mãe,

não teria sido tão sincero
quanto o é enunciado
pelo meu silêncio (CARRASCOZA, 2016, p. 41).

O narrador de *Escuro* é um pai, que conta sobre o costume de assistir filmes junto a seu filho, um instante único, no qual tudo o mais parecia suspenso – “eu sei que ele não se distrai totalmente de mim, a minha presença, discreta, lhe assegura que estamos envoltos na película do mesmo instante, como o corpo dentro da roupa” (CARRASCOZA, 2016, p. 48) – até a hora em que sente que será a última vez em que partilharão desse momento juntos: “Mas, inevitavelmente, eu me sinto leve, igual a uma partícula de poeira, e começo a me desprender desta poltrona” (idem, p. 51).

Em *Espiral*, lembranças da rotina familiar quando era menino, como a chegada do pai do trabalho, a laranja por ele descascada à mesa, refletem na rotina familiar do hoje: a vida se desfaz como a espiral da casca da fruta, às vezes, sem que percebamos: “Todos fingindo, talvez sem saber, que a vida não era o que era, dona do nosso fim, a gente fazendo o mais importante para nós naquele instante, esquecidos da espessura do tempo que ia se afinando” (CARRASCOZA, 2016, p. 52).

Alfabeto narra um “alfabeto de perdas”. A partir das letras, significados são dados a vivências, tais quais os “zes” que encerram relacionamentos – como de seus pais com seus tios – ou vidas, como de sua avó e de seu cachorro, e “como o ‘u’ de uma rua graciosa, até então oculta para quem, desprovido do olhar de raio ‘x’, não percebia o encanto que existe no ‘n’ das cenas cotidianas” (CARRASCOZA, 2016, p. 59).

Em *Assim eu gostaria*, o pai se lembra da rotina de acordar o filho, levá-lo ao banheiro, ajudá-lo a se vestir para ir à escola, arrumar sua cama, tomar café da manhã e despedir-se momentaneamente, até o almoço – despedida que gostaria que fosse ainda momentânea, não fosse o fato de ter ido embora de casa: “a vida iria nos pedir ação, soterrando na memória de cada um o sabor do pão com manteiga e o aroma do café [para recuperá-los no dia seguinte, quando essa mesma cena, milagrosa, se repetisse]” (CARRASCOZA, 2016, p. 64).

A narrativa de *O Entreposto* é sobre a vez que o menino acompanhou o pai até o local onde seu caminhão era carregado de mercadorias: “Não precisávamos de mais: as nossas presenças se tocavam. A gente ali, sendo eu e ele, pai e filho na recém-nascida

manhã” (CARRASCOZA, 2016, p. 66). Naquele dia, o garoto contemplou cada mínimo detalhe visual, sonoro e aromático do entreposto; experiência que o transformou: “Desejava, febrilmente, que continuasse tudo daquele jeito: que as coisas, no seu ser apenas, me espantassem sempre. Era o vital para mim: a vida com seus visíveis movimentos. E a gente, cada um no seu posto, nem dentro, nem fora. Entre” (CARRASCOZA, 2016, p. 68).

Balanço traz a narrativa sobre um homem que, no balanço após um almoço em família, faz um balanço de si mesmo como pai, contando créditos e débitos na relação com seus filhos, dando-se conta também sobre o passar do tempo: “Ele abriu os olhos e, sentindo o momento presente tão presente e tão justo, ergueu-se da cadeira sem pressa e foi à procura da menina, que, não por acaso, vinha correndo em sua direção” (CARRASCOZA, 2016, p. 74).

Em *Finita e bela*, o homem narra o dia em que se sentiu “nu” diante de sua companheira, em uma fase do relacionamento em que havia certa distância entre eles: “Deixamos as palavras abrirem o mar que nos separava para dizer o que se diz quando estamos sem as armas e os escudos, entregues às águas do cotidiano” (CARRASCOZA, 2016, p. 76). O filho junta-se ao casal, brincando no chão da sala: “De repente, o mundo se mostrava distinto. E, por um instante, eu senti a vida, sem a nossa vigilância: a vida tão bela, por ser finita. A vida, no seu fluir, gerando as novas dores e as futuras alegrias” (CARRASCOZA, 2016, p. 76).

O livro encerra com *Retrato*, que traz a narrativa sobre a ida do menino com o pai até a casa da avó – que parecia um retrato vista de longe sentada na varanda. Aquela tarde, que o permitiu ouvir tantos silêncios, como o existente entre seu pai e sua avó ao tomarem um café, ou o que traduzia os pensamentos do pai – “Só se a gente empurrar, o silêncio do pai dizia, e eu entendi (CARRASCOZA, 2016, p. 83)” – deu ao garoto, por causa da difícil volta debaixo de tempestade, a melhor memória de seu pai, rindo depois de inúmeras tentativas de fazer a Kombi funcionar, pois o motor tinha falhado: “Eu nem ligava mais se a Kombi ia pegar, eu estava ali, pleno do pai, e os contornos do seu rosto iam se tornando, àquela hora, e para sempre, sua mais bela lembrança em mim” (CARRASCOZA, 2016, p. 85).

As narrativas se caracterizam pela presença do narrador, personagens, tempo,

espaço e enredo. A narrativa de Tempo Justo forma um conjunto coerente em que há certas recorrências: o narrador em primeira pessoa, a percepção da passagem do tempo, as descobertas, a banalidade do cotidiano, a casa, a família, as pequenas coisas que compõem o dia a dia e as perdas: vida e morte de homens comuns, afetados pela passagem do tempo. Essa é a temática, a vida e a morte, este é o enredo a ser desenvolvido em Tempo Justo, como também em praticamente toda a obra de Carrascoza.

Em Tempo Justo, os contos, feitos em prosa poética, são unidades autônomas, cuja linguagem é ao mesmo tempo simples, mas carregada de elementos metafóricos e simbólicos, que possibilitam múltiplas conexões de sentido – daí serem textos que tanto podem ser destinados ao público juvenil quanto aos adultos, pois se permitem iluminar a partir do repertório do leitor, que poderá se identificar e criar as suas próprias relações.

O narrador-personagem permite vislumbrarmos a narrativa como um relato da experiência, uma forma de mediação, que comunica não apenas aquilo que viveram os personagens, geralmente nomeados por um substantivo comum e não por um nome próprio, mas também a experiência do leitor, convidado à empatia por meio de elementos presentes em qualquer vida, dada a sua banalidade, construída no espaço da casa, das relações privadas, especialmente. Porém, é importante destacar que dentre todos os personagens presentes na obra, o tempo talvez seja o mais relevante e onipresente. É em torno da passagem do tempo que os acontecimentos se revelam como angústia, aprendizado, arrependimento, nostalgia, memória, e, sobretudo, transformação – acontecimento comunicacional. O mesmo tempo que é condição e característica fundamental da narrativa, já que as ações se desenvolvem sempre num dado espaço de tempo, que ao agir sobre as coisas, modifica-as. Nos desfechos, há sempre uma fatia de inusitado, de esperança ou de deslumbramento. Algo como reticências, não ditos, silenciamentos.

Assim, no desenrolar das histórias, importa muito aquilo que os personagens escondem uns dos outros, ou que expressam por olhares, por gestos e não por palavras.

CONSIDERAÇÕES

É possível afirmar que Tempo Justo é tecido por uma prosa poética que prima

pela delicadeza, em uma narrativa na qual pequenos vislumbres da condição humana eclodem em uma epifania do cotidiano, que percebemos como o acontecimento comunicacional: ocorre uma mudança, uma transformação que irá reverberar nos personagens e também naquele leitor que souber ler e a partir da leitura apreender o tempo em sua “justeza”, vivenciando a plenitude do presente.

Nessa plena consciência da passagem do tempo e da necessidade de se estar atento, a vida é exposta como matéria-bruta, em toda a sua complexidade, que envolve uma dimensão doce e ao mesmo tempo amarga, materializadas no relato de nossa capacidade de amar e de nossa impotência diante da perda, do vazio, do que não pode ser alterado.

O tempo, presente desde o título, exerce múltiplos papéis na narrativa de Tempo Justo: faz desenrolar as ações, como em toda a narrativa; é o tema; é um personagem; é o responsável por iluminar as coisas e incitar o homem a percebê-las, neste sentido, é o elemento que auxilia na produção da poesia e do acontecimento comunicacional. Por comunicar com delicadeza, o texto se torna balsâmico, um manifesto não sanguinolento, não agressivo, não violento, pela necessidade de viver o presente, de reatar vínculos, de simplesmente se desconectar e contemplar, com resiliência, serenidade, quietude e alteridade.

Carrascoza consegue comunicar, portanto, a partir de uma literatura contemplativa, que conjuga o apreender, o resistir e o insistir, com sutileza, naturalidade e espontaneidade. Na poesia de suas narrativas, encontramos o sagrado que habita cada um e cada coisa, por meio das relações de apreço, de pertença, de paternidade, de maternidade, de fraternidade, de filiação e de amor.

Há uma comunicação que se faz de silêncios: um silêncio comunicante, que se despe dos excessos, como que consciente de nossa profunda incomunicabilidade.

O tempo é percebido e vivido em sua plenitude, em função da consciência da finitude da vida. O tempo é o que faz com que as coisas, observadas em sua potência poética, produzam um vislumbre, uma espécie de iluminação ou religare, em que o sagrado explode: em uma banalidade qualquer do cotidiano, algo se ilumina e é possível viver um momento eterno, que escapa do correr do tempo. O tempo comunica a vida e nos comunica com ela. Sem ele, não perceberíamos que ela escapa, agora... já foi.

REFERÊNCIAS

BAITELLO JÚNIOR, N. As Irmãs Gêmeas: Comunicação e Incomunicação. **Tribuna do Norte**, 2002.

BAITELLO JUNIOR, N. **O animal que parou os relógios**: ensaios sobre comunicação, cultura e mídia. 2. ed. São Paulo: Annablume, 1999.

BOFF, L. **Tempo de Transcendência**: O Ser Humano como um Projeto Infinito. São Paulo: Lumensana Publicações Eletrônicas: Sextante, 1992.

CARRASCOZA, J. A. **Tempo Justo**. São Paulo: Edições SM, 2016.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

DRAVET, F. Um saber poético sobre linguagem e comunicação para além das representações. **Revista Comunicologia**, Brasília, UCB, v. 8, n. 1, p. 71-89, jan./jun. 2015.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

HERGESEL, J. P. Poéticas da Morte em As Aventuras de Poliana (SBT). In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XLI, setembro, 2018, Joinville-SC. **Anais Intercom 2018**. São Paulo: Intercom, 2018.

LOTMAN, I. **A estrutura do texto artístico**. Tradução: Maria do Carmo Vieira Raposo e Alberto Raposo. Lisboa: Estampa, 1978.

MARCONDES FILHO, C. **Nova Teoria da Comunicação**, v.1 - o rosto e a máquina: o fenômeno da comunicação visto pelos ângulos humano, medial e tecnológico. São Paulo: Paulus, 2013.

MIKLOS, Jorge. **A construção de vínculos religiosos na cibercultura**: a ciber-religião. 145 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Programa de Estudos de Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.

PAZ, Octavio. **A dupla chama amor e erotismo**. São Paulo: Siciliano, 1995.

PICHIGUELLI, I.; SILVA, M. C. C. Comunicação, Poesia e o Religare. **Revista Comunicologia**, Brasília, UCB, v. 10, n. 2, p. 3-18, jul./dez. 2017.

SILVA, M. C. C. **Comunicação e Cultura Antropofágicas: mídia, corpo e paisagem na erótico-poética oswaldiana.** Porto Alegre - Sorocaba: Sulina - EDUNISO, 2007.

SILVA, M. C. C. **A pele palpável da palavra: a comunicação erótico em Oswald de Andrade.** Sorocaba: Provocare, 2009.

SILVA, M. C. C.; SILVA, P. C. A emoção resiliente: o novo espírito do capitalismo erótico nas mídias. **Ciberlegenda**, Niterói-RJ, v. 1, n. 33, p. 21-31, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://www.ciberlegenda.uff.br/index.php/revista/article/view/842/417>. Acesso em: 23 de novembro de 2018.

SILVA; SILVA, Paulo Celso da. Em busca de um conceito de comunicação. **Revista Latinoamericana de Ciencias de La Comunicación**, São Paulo, v. 9, n. 16, 2012. Disponível em: <<https://www.alaic.org/revista/index.php/alaic/article/view/470/271>>. Acesso em: 2 jul. 2018.

ROMANO, V. Ordem Cultural e ordem natural do tempo. **Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia.** São Paulo: CISC, 2002. Disponível em: http://www.cisc.org.br/portal/jdownloads/ROMANO%20Vicente/ordem_cultural_e_ordem_natural_do_tempo.pdf. Acesso em: 3/out. 2018.